



Director literario:

Albuquerque
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Leandro
PAPUSSE

Barraca de Tandoches



Zé Ratasana e Zé Gato,
Dois compadres sapateiros,
Na rua do Sol ao Rato,
Eram vizinhos fronteiros.



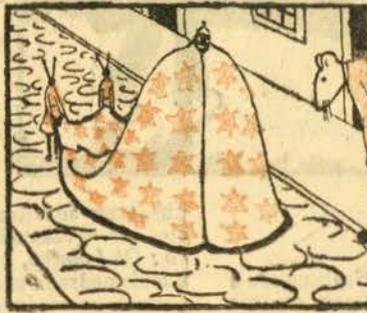
Zé Gato, muito contente,
Tinha imensa freguesia;
Ratasana, infelizmente,
A loja sempre via.



Zé Gato para sombar,
Dizia ao outro: — Patrieto,
Eu por mim no seu lugar
Procurava um outro officio.



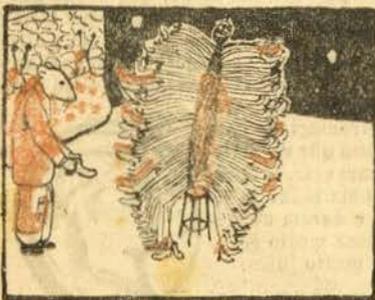
Ratoso, Zé Ratasana
Remota o desacato,
Sentindo subtr-lhe a gana
De estrangular o Zé Gato,



Mas um dia uma princeza,
A princeza Centopeia,
Vendo-o sem uma freguesia
E o outro com casa cheia,



Vai á loja sem fregues,
Senta-se e dis. presumida:
— «Calçado para cem pés,
Obra feita ou por medida.» —



E na loja em que ella entrou,
Todas as botas que havia,
A princezinha calçou.
Ficando a loja vazia.

Agora, desta chalça...
Um concelto ha que tirar:
— Ninguém ria da desgraça,
Que a sorte pode mudar.



HISTORIA DAS MOEDINHAS D'OIRO

Esta historia passou-se, meus meninos, numas terras muito lindas, ha muitos anos. Viviam lá dois Fidalgos, em dois palacios muito grandes, que ficavam mesmo em frente um do outro, no alto de dois montes visinhos. Como ambos os Fidalgos eram muito ricos e poderosos, havia entre eles uma inveja enorme, que os tornava inimigos figadais.

Nunca nenhum fazia nada, que logo o outro não quizesse fazer melhor. Andavam assim em rixa constante por invejas.

Ora, uma vez que um deles, Dom Gaudencio, tinha reunido no seu palacio todos os fidalgos amigos que por ali havia, para fazerem uma grande caçada, quando, á noite, nas salas, conversavam, falou-se de qual dos dois palacios teria vista mais bonita. Como o do outro Fidalgo era mais alto, quasi todos foram de opiniao que o d'esse era o mais amplo e o mais lindo. Logo Dom Gaudencio, mordido de raiva, decidiu conseguir para o seu palacio uma vista ainda mais linda que a vista da do Fidalgo seu inimigo, Dom Segismundo.

— Pois convidou-vos, meus amigos, respondeu-lhes Dom Gaudencio, a vir daqui a um mez a minha casa e veremos então melhor a vista que ela tem.

Foram-se todos embora, muito intrigados, sem saberem o que é que o Fidalgo queria dizer com aquilo. No dia seguinte mandou Dom Gaudencio buscar todos os pedreiros que havia por aqueles sitios, e começou a mandar construir perto do palacio um mirante, alto como uma torre. Assim, quando no dia combinado, os fidalgos voltaram, ficaram boquiabertos de verem aquela torre tão alta junto do palacio.

E só quando Dom Gaudencio, levando-os ao cimo do mirante, lhes perguntou: — Então, fidalgos, vamos lá a ver donde é que os olhos vêem mais?... E' que todos compreenderam as palavras que Dom Gaudencio lhes dissera,



Mirante de Dom Gaudencio, aparecia, de noite, coisa má. Nunca mais nenhuma mulher lá quiz passar. Os homens, esses, quando tinham de fazer caminho por ali, armavam-se de pistolões, de forcados, de espingardas, como se fossem para uma guerra verdadeira. Mas, um dia, um doido, que havia na aldeia e que era conhecido pelo Manuel Tolinho, apareceu, muito contente, com uma moeda de oiro a reluzir entre os dedos, a contar a toda a gente, que um moiro barbudo, muito feio, com uns olhos que brilhavam como fogo, se havia posto a espreitar p'ra ele ao postigo do Mirante do Dom Gaudencio.

O Manuel Tolinho não esperou por mais nada. Agarrou numa pedra e, zás, atira-a com toda a força ao moiro, que logo desapareceu. Vai ele, toca a ir ver se havia morto o moiro. E, em vez do moiro, o que ha de ele encontrar?

Aquela moedinha de oiro, muito brilhante, que tinha nas suas mãos, e que, a rir, sempre andava a mostrar a todos.

Ninguém o queria acreditar. Mas, dali a algum tempo, o Manuel Tolinho volta a aparecer com outra moeda, esta agora, muito maior.

E, explicava ele, que era assim grande, porque o moiro que apparecera desta vez, era mesmo como um gigante.

Bom. Os homens mais valentes, juntaram-se, e combinaram ir dar cabo dos moiros. Um dia subiram todos por montes, e, de espingardas aperradas, lá estiveram, espera que espera, mas, a respeito de moiro, nada. Voltaram lá outro dia, e a mesma coisa se passou: os moiros não apareciam, por mais que esperassem. Então, que resolveram eles? Agarraram no Manuel Tolinho e obrigaram-no a ir com eles:

«— Ah! meu traste, andaste-nos a enganar, mas tu vais ver o que nós te fazemos se o moiro não aparece.»

O Manuel Tolinho foi com eles, e ia muito satisfeito, a rir e a cantar.

Chegaram ao Mirante, e, dali a um pedaço, o que hão de eles ver. O Manuel Tolinho, que desata a gritar: «Ah! moiro: Oh! moiro, que eu bem te arranjo». E, zás, pedrada e mais pedrada para o postigo, os outros começaram a rir, porque, na verdade, não viam nada. Mas, qual não é o espanto de todos eles, quando o Manuel Tolinho, que foi a correr para o postigo, os começou a chamar: — «Eh! rapazes, venham, venham ver se dei ou não dei cabo de todos eles». Os outros, foram, e, pasmados, descobriram um montão de moedinhas de oiro, e pedras preciosas.

Começaram a olhar, e perceberam então, que o que havia por cima do postigo, era o tesouro escondido por Dom Gaudencio, para o guardar dos ladrões. O Manuel Tolinho, que na sua doidice julgava ver aparecer moiros ao postigo, alirava pedras, que iam bater mesmo no sitio onde estava o tesouro. Ora, como as paredes estavam velhas, estremeçiam com as pedradas, fazendo com que se abrissem fendas, que deixavam cair, primeiro as moedinhas e depois todas as riquezas que lá estavam, e deram ao Manuel Tolinho uma fortuna muito grande, que ele gastou com muito juizo.

Artur Maciel.



Pá-tá-pá

(Inédito)



Pá-tá-pá era um menino
Ladino,
Rabino,
Mofino,
Que inda falar não sabia
E apenas dizia !

—Pá-tá-pá, Pá-tá-pá, Pá-tá-pá !—

Nem seu papá
O entendia !
Nunca sabia
O que queria,
Quando lhe ouvia !

—Pá-tá-pá, Pá-tá-pá, Pá-tá-pá !—

Dizia a mãe :
—Que quererá ?...
Mas ai, ninguém
O percebia !
E elle insistia !

—Pá-tá-pá, Pá-tá-pá, Pá-tá-pá !—

Porém,
Todavia,
Gente ha,
—(Homens já)
Senhores
Doutores,
Formados
Com cursos,
Que, supondo falar bem,
Em varios discursos,

Aos brados,
Só dizem tambem !

—Pá-tá-pá, Pá-tá-pá, Pá-tá-pá !—

Que um bebé inda não fale,
Quem tem culpa ?!

Notem bem !

Num menino tem desculpa,
Num homem é que não tem !

Porque, afinal)
Num bebé
E' natural ;
Num homem é que não é !

Augusto de Santa Rita

Desenho de Eduardo Malta



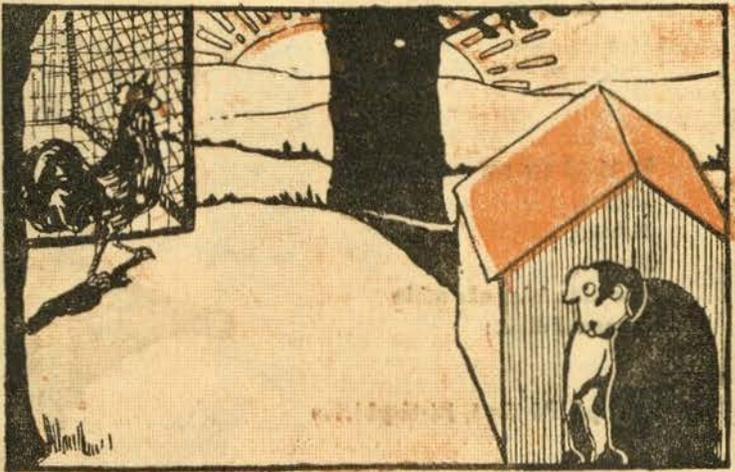
Era uma vez...

Có-có-ró-có!...

ERA uma vez um galo muito toleirão, que todas as manhãs, uns momentos antes do Sol nascer, se punha a cantar com toda a força: — *Cócoróco!*... *Cócoróco!*... *Cócoróco!*... fazendo acordar, além das galinhas todas, que havia na capoeira, um cãesinho branco, que era um grande dorminhoco, e que morava ao lado, numa casinhola em forma de *chalet*.

Ora o cãesinho branco já varias vezes tinha ralhado com o galo, por ele o acordar daquela maneira tão desabrida, e, uma certa manhã, disse-lhe assim:

Ao-ão-ão-ão-ão-ão-ão!...
Diga, Vossa Senhoria,
A razão, ão-ão-ão-ão...
De fazer tal gritaria?!



E o galo respondeu todo vaidoso:

E' que só, ai só,
Mas só, só, só, só,
Ao meu có-ró-có,
O Sol nasce aqui;
Qui-qui-ri-qui!...
Có-có-ró-có!...

E logo as galinhas, que estavam muito convencidas de que o Sol nascia só porque o galo cantava, cheias de admiração pelo galo, começaram a dizer baixinho:

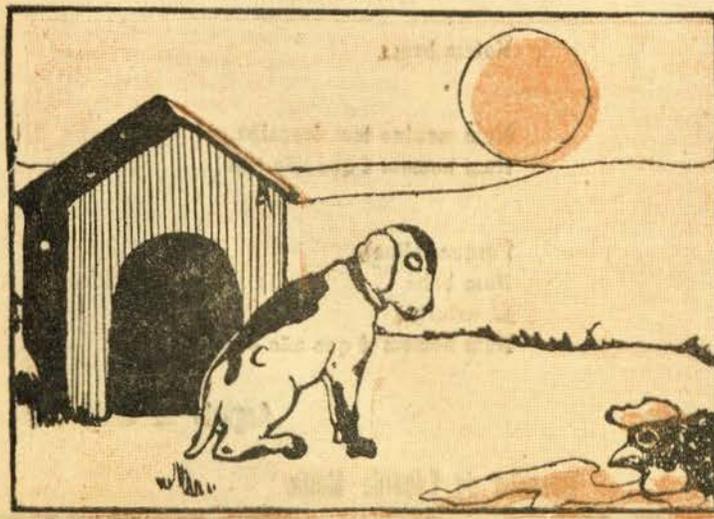
Só ao seu có-ró-có...
Só ao seu có-ró-có...
Só ao seu có-ró-có!...

Mas, já farto de o ouvir cantar e não acreditando que o Sol nascesse por causa do *có-có-ró-có*, então o cão... *ão!*... deu uma tal dentada na cabeça do galo que o matou. Foi o castigo de ser assim presunçoso.

As galinhas passaram todo o dia muito tristes, a um canto da capoeira, com saudades do galo, até que anoiteceu e foram para o poleiro.

Mas não dormiam, a pensar que, sem galo, nunca mais haveria dia, porque só ao seu *có-ró-có* o sol se erguia, e, todas chorosas, repetiam em cântico:

Só ao seu có-ró-có...
Só ao seu có-ró-có...
Só ao seu có-ró-có!...



O proprio cãesinho branco, no meio da escuridão da noite, já estava também com medo que, no dia seguinte, o sol não nascesse, por ter morto o galo, e foi deitar-se, muito preocupado e triste, á porta do seu *chalet*.

Poz-se então a pensar na tristeza que haveria de ser a sua vida sem sol! Os seus donos ficariam a dormir para sempre; nunca mais abririam as portas da cosinha, e nunca mais lhe dariam de comer, e teria de estar de guarda á casa toda a vida, e nunca mais o levariam á praia á hora do banho, nem á caça aos coelhos, nem ao passeio com a menina e a mestra... e já sentia remorsos de ter morto o galo.

Nisto começou a aclarar do lado donde o sol costumava nascer e o cãesinho, muito satisfeito, já com o coração a saltar de contente, poz-se a olhar para aquela banda do Céu, a ver se o Sol nasceria sem o galo cantar. — «Não ha duvida, já está muito mais claro; já se vê até a rede da capoeira!» — dizia o cachorrinho consigo.

E, na verdade, já se via melhor; uma orla de

Semana do Coliseu



CERVANTES

Miguel de Cervantes Saavedra, foi a suprema encarnação do espírito espanhol. Poeta e prosador, nasceu em Alcalá de Hénarés, em 1547 e morreu em Madrid em 1616. Filho de pais pobres recebeu, todavia, uma educação esmerada devida a um sábio professor João Lopes de Hoyos que publicou em 1569 os seus primeiros ensaios poéticos.

Alistando-se como soldado, embarcou numa esquadra comandada por D. João de Austria, participando da gloriosa batalha de Lépante em 7 de Agosto de 1571.

Um golpe de arcabuz e principalmente a imperícia dos cirurgiões, fizeram-no perder o movimento da mão esquerda.

Reentrou em Espanha em 1575 quando a galera, onde elle se encontrava, foi tomada por um pirata, conduzido ao cativo e torturado, foi resgatado pelos religiosos da Trindade pela considerável quantia de seis centos ducados.

Quando voltou a Espanha, após cinco anos que durou o seu cativo, Cervantes não encontrou na sua patria senão indigencia, pelo que foi bem cedo obrigado a retomar o seu lugar de soldado.

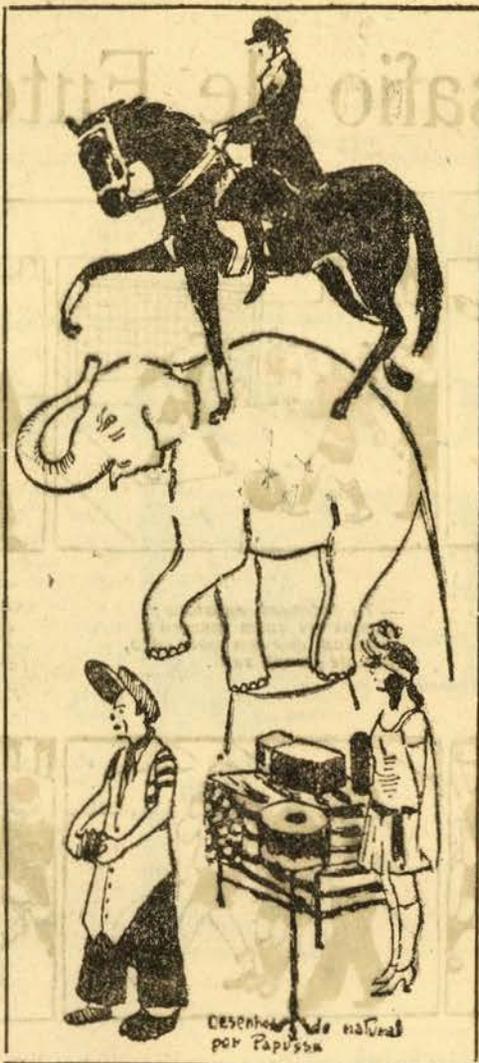
Mais tarde, voltando á vida civil, depois de ter retomado diferentes profissões, Cervantes sentiu-se novamente apaixonado pela litteratura. Desde então a sua vida está toda nas suas obras.

Depois de ter escripto uma pastoral em verso «Galanteia», em 1584, fez representar umas vinte peças de teatro, entre as quaes a «Fida d'Alger» lembranças da sua escravatura e «Numância» tragedia antiga que merecem ser distinguidas.

O seu nome estava ainda longe de ser celebre, quando fez apparecer a primeira parte do «Dom Quixote» obra que devia torná-lo imortal. Em poucos anos venderam-se trinta mil exemplares hoje encontra-se traduzido em todas as linguas em obra completa que Cervantes só concluiu dez anos mais tarde, em 1614.

BREVEMENTE:

Dois grandes
concursos
para meninos



Artistas que actualmente trabalham no Coliseu dos Recreios

Uma má acção



— Quem me vir, até ha-de dizer que tenho acções da Companhia dos Tabacos!
— Mas dirão que não prestam.
— Então porquê?
— Porque é uma má acção não dividires o charuto ao meio.

VILA NOVA
— DE —
FAMALICÃO

A via ferrea que a atravessa, serpeia entre renques de arvores sempre verdes, porque a vinha as enlaça com os seus festões verdejantes. Ouve-se por toda a parte o murmurio da agua. Desenrolam-se campos de milho a perder de vista, debaixo das vistas encantadas do viajante. Brancas e graciosas aldeias apparecem e desapparecem ao longe, e a cada instante esse quadro se renova.

Villa Nova de Famalicão é uma das villas mais encantadoras do Minho. Quando se passa alli perto, em caminho de ferro, vê-se a villa desenrolar as suas casas brancas no fundo de um valle, e esse formoso panorama alegre, os olhos do viajante. As casas estão enteradas na verdura, e esse risonho quadro tem uma moldura ainda mais risonha.

Fica perto de Villa Nova de Famalicão uma pequena aldeia chamada S. Miguel de Seide, cujo nome era ainda ha pouco tempo completamente desconhecido, e que tem hoje a sua celebridade e a sua gloria. O maior romancista portuguez Camillo Castello Branco fixou ali a sua residencia, ali comprou uma casa de campo e o nome de S. Miguel de Seide não seria desconhecido de pessoa alguma no mundo inteiro, se a lingua portugueza tivesse a universalidade da lingua franceza.

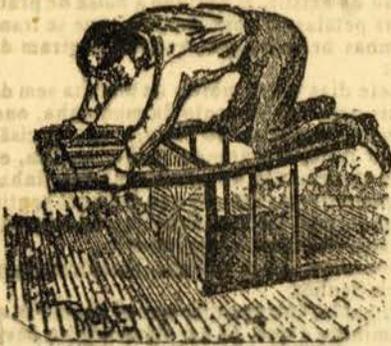
E' porque realmente Camillo Castello Branco era um escritor de primeira plana, e estaria a par dos escriptores mais notaveis da Franca moderna se podessem ler as suas obras todos os que devoram as obras primas da litteratura franceza; romancista, estudou de um modo admiravel a sociedade do seu tempo, dissecou com o seu escalpello seguro e potente as suas fibras mais intimas, trouxe a plena luz os seus vicios e os seus ridiculos palpitantes debaixo do latego d'essa ironia, que é a arma predilecta dos potentes espiritos.

Não se podia fallar de Villa Nova de Famalicão e de S. Miguel de Seide sem prestar homenagem a este rude luctador, a esse grande homem que escondeu n'este ninho de verdura o sincero outono da sua existencia e a eterna primavera do seu genio.

Pinheiro Chagas

HORA do RECREIO

MECANICA RECREATIVA



Coloque-se uma cadeira na posição indicada na figura 1. Convide-se, depois, um menino a pôr-se de joelhos sobre uma das travessas, e a apanhar com a boca, sem sair dessa posição, um objecto, como um torção de assucar, um bolo, etc., co-

locado no espaldar da cadeira.

A' primeira vista nada parece mais simples. Mas experimentem, experimentem; e verão se, pelo menos, nove vezes ou dez, lhes não acontece o que a figura 2 está representando,



Adivinhas

1

Qual a coisa que, dum salto,
Passa de mão para mão,
E, se cai de muito alto,
Dá varios pulos no chão??

2

Qual o animal mais mexido,
Pois que mexe a toda a hora,
Em casa sempre metido,
Por não poder sair fora?

3

Este rei, rei cavaleir,
Dá ordens sempre a cantar,
Governa no seu poleiro,
Mas na testa faz chorar

4

Não é rua mas tem casas,
Traz o peixe e traz o assado,
E trá-la sempre a menina
Que usa cabelo cortado.

Decifração das anteriores

- 1 — Espuma
- 2 — Bule
- 3 — Palmatoria

Anedotas infantis

I

Pim e Pam gostam de ver ás tardes as meninas na Baixa.

Passam duas lindas meninas muito bem vestidas e Pim diz a Pam:

— Sabes porque estas meninas me lembram camarotes de teatro?!

— « Eu não; porque?...

— « Porque são de primeira ordem.

II

O pai de Pum vendo-o a desmanchar um relógio que lhe dera de presente no dia dos seus annos:

— « Então tu estás a escangalhar o teu relógio?!

— « Não, paisinho, mas como li num livro que um relógio para trabalhar bem, deve ter 180 rodas e rodinhas, estou a ver se este está certo e se terei relógio para muito tempo.

III

Pim diz a Pum:

— « Empresta-me dez tostões?

E Pum diz a Pim:

— « Empresto com uma condição.

Pergunta de Pim.

— « Qual é?

Resposta de Pum:

— « A de me arranjares alguém que me empreste dois mil reis.

LICÃO DE DESENHO



Como se faz
uma cobra

A ROSA BRANCA

(CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR)

E, levantando-se, iniciou a sua marcha para a frente. Sete dias e sete noites andou sem se deter. Por fim, cheio de fome e de sede, cansado e estropeado, com os pés em chaga e o fato todo um frangalho, Alcides estava quasi a desistir, quando, de repente, uma grande claridade o envolveu e tres caminhos de prata apareceram aos seus olhos deslumbrados.

E, depois de curta hesitação, Alcides tomou pelo caminho da direita.

Era suave o piso em que seus pés mal descansavam, pois dir-se-ia antes, que flutuava, tão ligeiro e facil era o seu deslizar. Taças invisíveis e cestas repletas de frutos lhe mi-figuraram a sede e saciaram a fome.

Passaros de cores admiráveis cortavam o ar, como notas musicas e um doce perfume se evolvava de tudo e tudo penetrava e acariciava.

E ei-lo agora chegado ao fantastico Jardim do Destino, onde se destacava uma roseira, em que uma só rosa florescia, altiva, magnifica, vermelha.

E Alcides colheu a rosa vermelha, ficando logo em profunda escuridade, só enxergando a rosa que segurava nos

dedos, e que, altiva, magnifica, vermelha, alastrava, alastrava num clarão de fogo, que rapidamente o arrastou para o lugar que os seus labios, a medo, tinham indicado, balbuciando as palavras sacramentais que a Dona dos Olhos Verdes lhe ensinára.

E, desde então, Alcides viajou, viajou sempre, desvendando todos os segredos da terra. Conheceu a Europa, a Asia e as Americas, o polo gelido e o Deserto da Africa.

Mas, por fim, satisfeita a sua curiosidade, já exgotada a sua fantasia, numa noite, ouviu por tres vezes piar um mocho, e teve que confessar a si proprio que não era feliz, exausto de tanto caminhar, sem que nunca pudesse voltar atraz sobre os seus passos, sem que o prendesse qualquer laço aos seus semelhantes, ao mundo que o vira nascer, e Alcides lançou ao vento as petalas da rosa vermelha que guardára numa bolsa de prata, e que logo se transformaram em pombas brancas que, voando, fugiram depressa pelos ares.

E, sete dias e sete noites caminhou sem se deter, voltando ao mesmo ponto da montanha, onde convergiam os tres caminhos de prata, escolhendo, desta vez, aquele que seguia pela esquerda. E da roseira do Jardim do Destino, colheu a rosa amarela, cujas petalas telintavam como moedas de bom ouro inglez.

E teve mais tesouros que um nababo, bastava que o seu pensamento atravessasse o mais leve desejo, para logo vêr empilhado á sua roda tanto dinheiro, que nunca saberia em que o aplicar.

Teve palacios e jardins, ofereceu festas e banquetes espantosos, gosando todos os prazeres que só a riqueza confere, e, ele que conhecia todo o mundo, viu todo o mundo a seus pés.

Valentias do Zé Peralta — (Por Alberto Amado) — (Continuado do n.º anterior)

A MAMÃ
Meu filho, todo este sonho,
Foi p'ra ti uma lição:
Começou muito risonho
E acabou em expiação.
Meu amor, nunca te metas
Em grandes cavalarias,
Pois quasi sempre são tretas
Que tu mais tarde é que expias.
Vestiste a pele ao leão
Sem ter garras como ele,
Vete outro mais valentão
E fez-te despir a pele.

Sê sempre, porém, valente,
Não esquecendo que vale
Também saber ser prudente,
O que evita muito mal.
E agora toca a dormir;
Deves estar tão cansado!
Adeus que vamos sair.
(apontando para Ana)
Ficas bem acompanhado!
(A Mamã e a Madrinha ajudam Toninho a meter-se na cama, despedindo-se dele com muitos beijos).

A MADRINHA (da porta)
Bôa noite, meu Toninho!
(sdem a Mamã e a Madrinha)

4.ª SCENA

A AMA

E agora toca a deitar-se.

TONINHO (entregando-lhe o Capitão dos Bonecos de Paílo)
Leva-o tu com cuidadoinho,
Não venha ele vingar-se!...

FIM DAS VALENTIAS DO ZÉ PERALTA

Errata do n.º 2:

Na pg. 3, coluna 3.ª, linha 17.ª
a contar de baixo, deve lêr-se:

Pois se é assim, vai sem pele
Ficar. (para o Capitão)
Agora cuidado (etc.)

